

## TEXTO E IMAGEM, MEMÓRIA E FICÇÃO NA OBRA DE ALICE VINAGRE

Madalena de F. P. Zaccara.

Professora Adjunta ao Departamento de Teoria da Arte e Expressão Artística da  
Universidade Federal de Pernambuco

### Resumo

O artigo volta-se para uma análise dos diversos elementos de expressão que convivem no trabalho da artista plástica paraibana, radicada em Pernambuco, Alice Vinagre. Ele visa estabelecer relações entre texto e imagem, desenvolvidas através do desenho, pintura ou materiais diversos, por ela utilizados na construção de sua poética e faz parte da pesquisa, atualmente desenvolvida pela autora, sobre a produção artística feminina contemporânea em Pernambuco. A investigação integra as atividades do Grupo de Pesquisa *Arte Cultura e Memória* do Departamento de Teoria da Arte e Expressão Artística da Universidade Federal de Pernambuco.

Palavras chave: texto e imagem, Alice Vinagre, Arte em Pernambuco.

### Abstract

*This article deals with an analysis of various expressive elements which are embodied in the work of the visual artist born in the Estate of Paraíba and living in Pernambuco, Alice Vinagre. The article aims to establish a relationship between text and image developed through drawing, painting or any material used by the artist in the construction of her poetics; the article is part of the research being developed by the author about the contemporary female artistic production in Pernambuco. This investigation integrates the activities of the Research Group Art, Culture and Memory, from the Department of Art Theory and Artistic Expression of the Federal University of Pernambuco.*

*Key Words: text and image, Alice Vinagre, Art in Pernambuco.*

### Anotações sobre as séries de Alice Vinagre

Para analisar a relação/associação entre texto e imagem na obra da artista plástica paraibana, radicada em Pernambuco, Alice Vinagre, foi necessário tomar, como objeto de estudo, suas séries desenvolvidas desde o período que se seguiu aos seus estudos na Escola de Belas Artes do Rio de Janeiro.

Essas séries se desenvolvem, até o presente momento, em seis etapas nas quais, com o auxílio de metáforas e da repetição de elementos recorrentes, ela constrói sua poética através de um código visual constituído por elementos

susceptíveis de enumeração e catalogação e de outros que se inquietam e escapam a uma classificação. Constata-se, analisando seu trabalho, uma pintura/escritura que ora se mantém refém de memórias ora se propõe a novas investigações. Nela, espaço, melancolia, ironia, magia, mito, homem, animal ou objeto entrecruzam-se superando incompatibilidades e estruturando a leitura. Ao abordar sua produção constatamos essas características aliadas às suas insistentes razões para propiciar o reconhecimento de convencionalismos plásticos próprios e as metamorfoses a que eles são sujeitos entrelaçados ao seu processo/destino de viver.

Para Valquíria Farias na apresentação da série *Azul* feita para o catálogo da mostra realizada na *Casa da Ribeira* em Natal, 2002, o trabalho de Alice é

(...) reflexão que é pergunta constante, que não significa outra coisa a não ser procura... Uma linguagem inacabada é o seu processo. No sentido de uma leitura juntando pontos um aqui, um ali, o ontem, o hoje, o amanhã, em todo um instante, presente sempre momentâneo, não tenciona lançar-se a proposições mais além desse tempo, em um imprevisível futuro cuja essência ainda não possui forma 1 (FARIAS, Valkiria, 2002)

Rastrear a obra da artista é rastrear sua própria vida através da ladainha de ícones e sinais que avançam e recuam no tempo como prognóstico ou recorrência. Algumas formas sugerem parentesco entre elas e com linguagens plásticas de outros artistas, fato que confirma o sentido de inserção gregária em relação a um tempo comum. Outras aparecem e retornam, obsessivas, personalistas, expondo uma mitologia própria a qual a artista recorre como a um alfabeto pessoal.

As séries acontecem a partir de 1988 quando ela elabora *No coração de todas as coisas*, seguida já em 1989 até 1993 da série intitulada *Amarelo*. Em 1994 ela constrói *Bonecas* que é sucedida por *Coração*, que se desenvolve durante o período de 1996 a 1999. Entre 1997 e o momento presente ela investiga o *Azul* que se entrecruza, entre 1999 e 2004, com a série *Anotações (sobre o céu)* que antecede *Anotações sobre pintura* que faz parte da

investigação atual da artista e integra uma expressão mais ampla a qual ela denomina simplesmente de *Anotações*.

Imagine uma folha totalmente em branco. Imaginou?2

Alice Vinagre nasceu em João Pessoa, Paraíba em 1950. Família unida: patriarca militar, mãe escritora. Desenhar foi um dos seus primeiros meios de expressão. Segundo ela:

Descobri o desenho junto com a primeira palavra que consegui ler em um texto de jornal. A partir daí as duas “descobertas” sempre andaram entrelaçadas, ambas foram determinantes no meu processo e marcaram meu desenvolvimento<sup>3</sup>

Esse fascínio resultou em uma graduação em pintura na Escola de Belas Artes da UFRJ em 1984. Participou, então, ativamente de vários salões e mostras coletivas no Brasil e no exterior e recebeu, em 1986, o prêmio de aquisição do *9 Salão Nacional de Artes Plásticas da Funarte*. Em 1991, ganha uma bolsa para a Alemanha para o Workshop itinerante Brasil – Alemanha, organizado pelo Instituto Goethe. Em 1993 expõe na *4 Bienal Internacional de Pintura de Cuenca*, Equador e em 2001 participa da *3 Bienal do Mercosul*. Porto Alegre. Embasando essas exposições estão as séries que ela desenvolve, completa ou, por vezes, retoma como se tivesse esquecido de finalizar uma mensagem.

O período em que Alice terminou sua formação acadêmica foi um tempo de mudanças profundas quer no contexto internacional quer no nacional. Essas transformações abrangeram política, economia, descobertas tecnológicas e mudanças culturais advindas do desenvolvimento das mídias. O mundo se transformava e o Brasil acompanhou essas mudanças com características particulares: a abertura política, a transição democrática, a oferta para consumo de novas tecnologias, as leis de incentivo fiscal que se constituíram em uma forma de mecenato que propiciou a produção de exposições e mostras de grande porte com uma produção pictórica vigorosa, expressiva e de grande formato com base no desenvolvimento internacional de uma tendência neo-expressionista.

Essa tendência, particularmente incisiva na Alemanha, revestiu-se de idêntica impregnação em outros países da Europa – como é o caso da Transvanguarda italiana - e alcançou um processo de internacionalização do qual Alice Vinagre é um dos herdeiros nos anos 80. Ela faz parte de uma geração de artistas que não queria retomar estipulações representacionais, antes desejava impulsionar, segundo novos moldes e atitudes, uma consciência estética e sociológica fundada em preocupações genuínas e ligada a uma contemporaneidade em mutação. Deliberadamente, optou por explorar valores individuais sem, entretanto, menosprezar valores identitários culturais: a sociedade é assumida como portadora de um valor comunitário que garante signos e mitos reconfigurados para os tempos presentes.

Desenvolve-se então em sua poética uma caligrafia de valor pictural, uma linguagem plástica onde escrita e imagem se surpreendem e se implicam mutuamente. Os desenhos e pinturas desse período demonstram uma gestualidade vigorosa saturando de grafismos a superfície do suporte. Essas formas e signos não pretendem estabelecer uma gramática concluída, mas, antes, vivenciar um processo investigador buscando no histórico e no individual um referencial.

O trabalho de Alice Vinagre definiu-se, quase desde o início, por uma imagética própria que se mostra nos temas e formas recorrentes e engloba um tempo particular, sem linearidade, que se faz da repetição sazonal de símbolos fundamentais para sua história. Em sua trajetória, ele é contaminado por várias linguagens: a pintura se associa ao desenho, ao texto, a colagem e à incorporação de elementos simbólicos recolhidos do artesanato regional. Através da utilização desses variados artifícios de representação Alice navega em direção ao sempre inesperado e atavicamente recuperado.

No coração de todas as coisas ou ainda sob o signo da obscuridade

Nos anos 80, a figuração neo-expressionista presente na obra de Alice Vinagre experimenta uma espécie de selvageria visitada através das cores fortes, símbolos, ícones de animais e humanos que se apropriam de imensos painéis: fábulas - pintadas onde a escrita se insinua. O decifrar é dirigido pela imaginação, através de uma linguagem esquemática que se aproxima de

certos grafismos das crianças e que se harmoniza com a intensidade das cores fundamentais.

Um coração transpassado (Fig. 1) carimba um universo mítico pessoal, onde antropomorfos são representados em cenas de violência e outras ações do universo contemporâneo. Essas figuras desenhadas proporcionam uma espécie de viagem no tempo e no espaço marcando épocas, momentos e situações ilustradas a partir de vivências e lembranças da artista. O seu riscar a superfície do suporte congrega presente passado e futuro, transformando-se em manifesto de identidade.

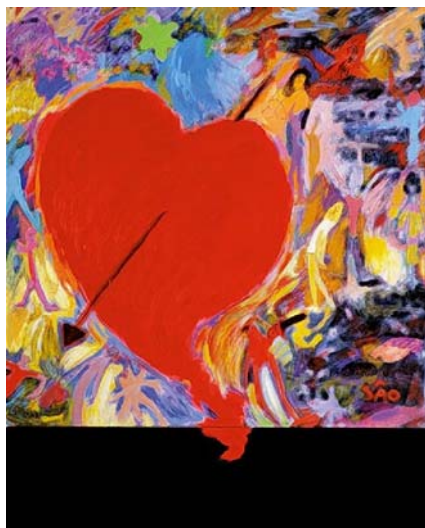


Figura 1

VINAGRE, Alice. No coração de todas as coisas. 1988. Acrílica s/ tela.

150 cm X 120 cm.

<http://www.alicevinagre.com.br/> 06/0/09.

Nos trabalhos da série, o elemento humano se insere através de grafismos de caráter essencialista, porém, elaborados com produção cuidadosa e fineza de traço. Eles nos remetem à tradição Nordeste<sup>4</sup> da pintura rupestre brasileira pesquisada no sítio arqueológico de São Raimundo Nonato: presença de grafismos reconhecíveis (figuras humanas, animais, plantas e objetos) e grafismos puros, figuras dispostas muitas vezes de modo a representar ações cujo tema, às vezes, é reconhecível.

As cores primárias, as cores fortes, provocam reações fortes. Emocionam. Exorcizam. Alice as emprega condensadas nos elementos

icônicos com uma intencionalidade cenográfica que nos faz dialogar com a ironia, o trágico e o lúdico.

Essas obras, de ecos pop, estão circunscritas à segunda metade da década de 80. Alguns elementos, porém, vão escapar e acompanhar as memórias da artista ajudando-a em sua trajetória a contar sua história em outros momentos. Afinal: “o que acontece quando um artista muda de território - seja de referência, seja da afetividade? Leva, consigo os arcabouços de sua cultura.” (WENDENBURG, Cristina, 2002. P.11 apud LAMBERT Fátima, 2003)

## Amarelo

O desenho rompe com todas as hierarquias, situa-se além de qualquer cronologia, revela seu próprio tempo e o tempo do artista. O desenho tem uma qualidade a mais que os outros meios de expressão. Além de “armar o braço” é, ao mesmo tempo, o mais confessional dos meios plásticos, diário íntimo, eletrocardiograma rebeldia travada no meio da noite, solitariamente. (MORAIS, Frederico. 1998 p.120 apud SANTOS, Bia, 2005 )

Na série intitulada *Amarelo* (que se desenvolve entre 1989 -1993) as palavras e signos tornaram-se cada vez mais presentes no trabalho de Alice e adquirem um ritmo gestual, uma expressão caligráfica. O desenho conta a história. A figura abandona o centro da obra e torna-se parte de uma construção poética. A pintura torna-se apenas fundo, na cor que intitula a série, para essas inscrições. (fig. 2) O suporte recebe esses desenhos/ tatuagens que são a fusão entre o universo mítico e fictício na medida em que nos remetem para símbolos arquetípicos, culturais e registros de sua própria criação. O texto permanece, se insinuando como uma espécie de escrita secreta abrindo um link para a compreensão de seus antropomorfos e zoomorfos, pois.

(...) Quando o artista inscreve letras numa obra plástica ele está utilizando mais um elemento para compor a imagem. As palavras presentes num quadro não chamam a atenção apenas por serem reconhecíveis como tal, mas, porque as letras constituem um sistema de elementos formais diferenciados que devem ser articulados entre si para permitir o surgimento do discurso. (BUTOR, Michel, 1969 apud PEDROSA, Sebastião, 2007)





Figura 2

VINAGRE, Alice. O sol brilha ou O Eu e o TU II

1993. acrílica s/ tela. 160cm X 130 cm.

<http://www.alicevinagre.com.br/> 06/0/09.

Essa herança gráfica, essa aproximação arte /vida faz parte do universo de contaminações da produção artística contemporânea. A relação texto imagem nos fala de manifestações históricas, como, por exemplo, do universo das iluminuras ou, mais contemporaneamente, da produção cubista sintética que se apropria de recortes de jornais ou revistas que vão complementar o discurso. No dadaísmo, Schwitters usa fragmentos de correspondência incorporando-as em suas colagens. Paul Klee incorpora formas pictográficas em sua pintura. Enfim, no século XX torna-se comum a ação de utilização da escrita como suporte do pensamento. Alice Vinagre estabelece um diálogo entre suas figuras e suas palavras na construção de sua história, pois “gravar, desenhar, imprimir e escrever. Tudo é escrita. O texto dentro de outro texto” (VENEROSO, Maria do Carmo, 2004 apud PEDROSA Sebastião, 2007)

## Bonecas

A década de noventa nos mostrou artistas interessados na exploração de linguagens individuais. Eles vão buscar esse processo de individualização em diferentes direções. A integração entre as artes propicia a captura de elementos expressivos de outras áreas do conhecimento objetivando novas formas de expressão, renovando as dimensões éticas e estéticas, instaurando

novas compreensões. Na contemporaneidade podemos tudo reconhecer como material, inclusive os mais corriqueiros, presentes no nosso dia a dia ou em nossas memórias de infância.

A busca por referências internacionais e regionais na produção artística visual dos anos 90 resgatando experiências pessoais do artista vai contaminar o trabalho de Alice que recorre ao artesanato nordestino se apropriando de elementos encontrados em qualquer feira livre da região. Na série *Bonecas* (1994), Alice incorpora as conhecidas “bruxas de pano”, que serviam de alternativa às bonecas de porcelana das crianças de famílias prósperas nordestinas, associando-as aos seus grafismos e figuras recorrentes em uma pintura onde a mancha torna o suporte semelhante a paredes de um sítio arqueológico recriado. (fig. 3).



Figura 3  
VINAGRE, Alice. [Sem Título]. acrílica, bonecas e panos s/ tela.  
150cm X 200 cm.

<http://www.alicevinagre.com.br/> 06/0/09.

Associada à pintura e ao desenho sígnico e simbólico a série incorpora colagens e tecido. Partindo para “a dissolução dos limites precisos entre as linguagens artísticas” (VENEROSO, Maria do Carmo, 2007.p 83). Mantendo o limite impreciso entre o visual e o literário, entre o desenho e a pintura Alice Vinagre sintetiza, contamina uma linguagem internacional com a regional das inscrições rupestres nordestinas e de sua cultura popular.



## Coração

Nessa série, que acontece entre 1996 e 1998, a artista integra ao seu vocabulário o papel vegetal que funciona como um suporte onde ela insere o símbolo que dá nome ao conjunto de trabalhos. Os corações, construídos em espuma, trazem para a construção um tridimensionalismo real e se entrecruzam com os grafismos recorrentes de Alice. (fig.4)



Figura 4

VINAGRE, Alice. [Sem Título]

1999. acrílica, papel e espuma s/ tela.

48cm X 42 cm.

<http://www.alicevinagre.com.br/> 06/0/09.

O homem estabeleceu desde muito cedo o coração como símbolo das emoções. Associado a um sentimento nobre, o coração é o símbolo daquilo que não pode ser controlado nem pela vontade nem pelo intelecto. O artista consolida, com uma força irreversível, as referências mais ocultas inerentes à condição humana, mostrando sem inibição, os desejos, medos, ansiedades, paixões. A figura do coração centralizando a construção da composição na série de Alice dá lugar a uma legibilidade que remete ao imaginário coletivo do desenho popularmente conhecido de uma cultura que pode ser considerada como um conjunto de sistemas simbólicos e à particularização da narrativa, à afeição gerada pela identidade cumprindo, assim, uma intencionalidade específica.

O texto, na série, se estabelece através dos signos que acompanham o ícone principal. Um alfabeto particular que incorpora esferas, luas e grafismos que potencializam as conotações e especulações sobre o seu significado. Não

se espera deles uma certeza nessa dimensão cenográfica, mas a possibilidade de construção de um universo fictício que pode se constituir num sistema iconográfico. José Jimenez analisando a natureza de obras que abordam um mundo de fantasia, porém possível nos diz:

A arte põe perante nós um estado antropológico de plenitude que não pretende um status de verdade ou realidade atual, mas sim verossimilhança e possibilidade. (JIMENEZ, José, 1992, p.96)

O texto de Alice na série corações resolve a cisão entre o universo mítico e realidade nos remetendo não somente à sua vivência, mas, através dela a uma contextualização antropológica onde a magia das formulações simbólicas se perde na memória dos homens.

## Azul

Desenho (designo) é o registro do gesto. Quando esse é resultado de uma emoção, então é arte <sup>5</sup>

A construção do desenho / texto na série *Azul* se dá através da exploração da visualidade do traço que se destaca contra o fundo na cor que identifica o trabalho. Para Moacir dos Anjos na apresentação do catálogo da exposição homônima que aconteceu no Centro Cultural São Francisco em João Pessoa, Paraíba (fig. 5)



Fig. 5 Sem título, 1997  
Acrílica, grafite e papel vegetal  
s/ tela. 90 X90 cm

Por vezes são as superfícies de cor densa que parecem querer ofuscar as linhas a elas superpostas, enfraquecendo, desse modo, a intenção narrativa do desenho: noutras é o interesse pelas histórias traçadas que afasta o olhar do que foi pintado e faz da pintura apenas fundo (ANJOS, Moacir dos2008)

Percebe-se que esse texto desenhado proporciona uma viagem no tempo, traçando linhas que marcam épocas (alguns nos reportam aos calendários rupestres), momentos, situações promovendo toda uma manifestação de sentidos e sentimentos. São lembranças de quem produz para quem recebe. O gesto de estar presente não se conclui, como em toda obra de Alice. Vai, vem, reaparece, desaparece.

Nesse ato de intimidade ela se busca a cada instante e o resultado vai além do que a retina capta num diálogo com o espectador que se forma a partir do riscar. Na série ela desenha seu discurso por meio desse riscar do lápis ou de pequenas incisões no suporte usado. O riscar e o marcar se mesclam com o furar numa conjunção de linguagens que faz com que o desenho e a escrita se encontrem através dos símbolos.

O uso da colagem nesse labirinto de signos introduz figuras numa linguagem que explora a incorporação de materiais diversos. Sua poética busca o fragmento de cada módulo. Fragmentos, porém, que geram uma coesão em função do todo. Uma atomização da linguagem que se reincorpora e se torna texto, mensagem. Ela estabelece uma ponte entre artes plásticas e literatura que Schitters explica

Se eu tenho me ocupado de diferentes formas de arte, é por necessidade artística. A razão não foi qualquer desejo de ampliar o domínio da minha atividade, mas uma aspiração a ser, não um especialista de uma forma de arte, mas um artista. (LEMOIGNE, 1994, p.109 apud VENEROSO, Maria do Carmo, 2006 p.87)

#### Anotações

Na série Anotações Alice Vinagre vai buscar informações sobre o céu, a terra e sobre uma das técnicas que lhe permite registrar a pesquisa: a pintura. Quando ela se aventura em seu céu o resultado é um conjunto de signos feitos sobre papel vegetal trabalhado como suporte para os símbolos que são

perfurados, riscados, pintados definindo uma espécie de cartografia cósmica para navegantes mais avisados.

A técnica utilizada segundo Diana Glória que apresenta a mostra *Anotações sobre o céu* realizada no Les Varietés, Marselha, França em 2003.

A artista previamente estica o vegetal num bastidor de madeira circular normalmente usado em bordados, estando pronta essa estrutura sua face interna é pintada com têmpera vinílica ou acrílico em vários tons de azul. Após a secagem da tinta, quando o papel volta a apresentar uma superfície uniforme e lisa, ele é destacado e recortado do bastidor. Então sobre a face externa do papel a artista faz várias marcações com caneta prateada num procedimento similar a certas brincadeiras de desenho infantil: alguns pontos são ligados por linhas retas ou curvas aparecendo assim uma figura elementar, uma grafia.”<sup>6</sup>

Nas *Anotações sobre a terra*, os tons ocres dados ao papel vegetal substituem os tons de azul e os signos tornam-se textos que são escritos em volta de círculos perfurados como uma metáfora da terra. Em torno deles a artista escreve lições numeradas para ela e para o público ensinando a viver nesse planeta confuso. Assim, podemos ler no trabalho “sem título” datado de 2001 da série: “Lição nº 1: somente quando temos domínio sobre nós mesmos é que podemos encontrar inteiramente um outro ser humano sem nos perdermos”.<sup>7</sup> (fig. 6)

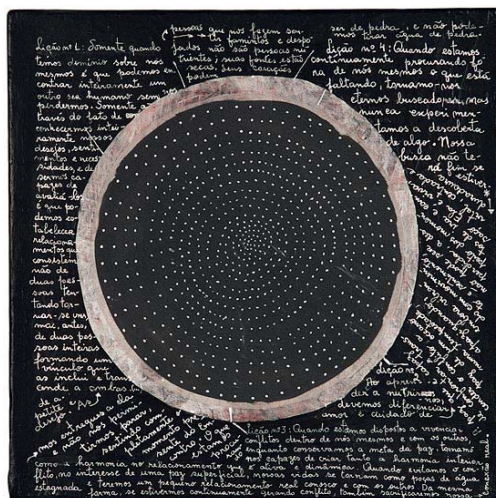


Figura 6  
 VINAGRE, Alice. [Sem Título]  
 2001. Acrílica, papel vegetal e caneta prateada s/ tela.  
 30cm X 30 cm.  
<http://www.alicevinagre.com.br/> 06/0/09.

O texto quase que substitui a imagem ou relaciona-se diretamente com ela. Em outro trabalho da série, os círculos perfurados são substituídos por colagens onde se vê parte do corpo de uma menina numa intencionalidade memorialista. No texto complementar podemos ler frases das antigas canções infantis como “Cai... Cai... Balão, aqui na minha mão”.

Alice anota sobre o céu, sobre a terra e mergulha na pintura nessa série contemporânea onde, sobre suportes onde predomina a cor vermelha e azul. Neles ela escreve seus desenhos ora vagamente reconhecíveis dos elementos feitos pelos homens ou pela natureza, ora parte dos caminhos da abstração. Aqui ela Compartilha o espaço com algumas palavras ou apenas com a cor que sustenta a fala. Sobre sua série *Anotações sobre pintura* Diógenes Chaves diz:

Na verdade, as “anotações” de Alice *a priori* sugerem uma instigante discussão sobre o processo de construção da obra de arte (...). Finda a montagem Alice talvez possa se sentir livre para respirar e entender o que a sua obra disse ou deixou de dizer. E a nós, espectadores privilegiados dessa construção, é dado imaginar qualquer coisa, menos que a pintura morreu.”<sup>8</sup>

Apos a exposição de todas as séries de Alice onde a imagem e o texto se irmanam fica na memória a sua própria frase: “Imagine uma folha totalmente em branco. Imaginou?”<sup>9</sup>

#### Notas.

1. Entrevista concedida à autora em 2008, quando a artista enfatiza o texto de Valquiria Farias como contendo uma síntese de seu processo criativo.
2. Frase capturada em entrevista (virtual) concedida à autora, 2008 quando ela explica o nascimento do entrelaçamento do desenho/ escrita em sua percepção.
3. Entrevista concedida à autora. 2008
4. As tradições de pinturas rupestres encontradas na área de São Raimundo Nonato no Piauí na pesquisa de mestrado da arqueóloga Marcela Pacini Valls dividem - se em três grupos distintos: A Tradição Nordeste, A Tradição Agreste e a Tradição Geométrica. As figuras esquemáticas de Alice se ligam à Tradição Nordeste.
5. Raul Córdula in <http://www.alicevinagre.com.br/>. Acessado em 10 de abril de 2009
6. Diana Gloria in <http://www.alicevinagre.com.br/>, acessado em 10 de abril de 2009.
7. Texto inscrito no trabalho “Sem Título” da série *Anotações sobre a terra* in <http://www.alicevinagre.com.br/>. Acessado em 11 de abril de 2009
8. Diógenes Chaves in <http://www.alicevinagre.com.br/>.
9. Frase de entrevista virtual concedida à autora em 2008.

## Referências

- ANJOS, Moacir dos. *Azul in Azul: Alice Vinagre: Intervenção na Arquitetura Barroca do Convento de Santo Antonio*. João Pessoa: Gráfica Santa Marta/FUNC. 2008
- CANTON Kátia. *Novíssima arte brasileira: um guia de tendências*. São Paulo: Iluminuras. 2000
- CHAVES, Diogenes in <http://www.alicevinagre.com.br>
- CORDULA Raul in <http://www.alicevinagre.com.br/>.
- GALVAO, Roberto. Da figuração à construção in *BR. 80: pintura Brasil década de 80*. São Paulo: Itaú Cultural 1992
- GLORIA, Diana in <http://www.alicevinagre.com.br>
- JIMENEZ José. *Imágenes Del hombre: fundamentos para uma estética antropológica*. Madrid: Technos, 1992.
- LAMBERT, Fátima. *Imagens recorrências e regenerações* in Sobral Centeno. Porto: Instituto Politécnico do Porto, 2003.
- PEDROSA Sebastião. *Rabiscos, Manchas e Borrões. O enigmático de uma escrita ou a aventura de construir imagens* in *Anais do 15 Encontro Nacional da ANPAP*. Salvador; UNIFACS, 2007.
- SANTOS, Bia. *A Poética do desenho. O fio sobre a matéria*. In *Cultura Visual*. Revista do Mestrado em Artes Visuais da Escola de Belas Artes da Universidade Federal da Bahia. N, 7. Salvador: EBA/UFBA, 2005
- VALLS, Marcela Pacini. *Similaridades e diferenças indicativas de identidade e evolução cultural no Estilo Serra Branca*. Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós - Graduação em Arqueologia da UFPE para a obtenção do grau de mestre em Arqueologia. Recife, 2007.
- VENEROSO, Maria do Carmo. *Impurezas textuais: uma abordagem das relações entre texto e imagem na arte do século XX* in *Anais do 15 Encontro Nacional da ANPAP*. Salvador: UNIFAZC, 2007.

## Currículo

Madalena Zaccara (Zaccara, Pekala, Madalena de F) é doutora em História da Arte pela Université Toulouse II, França, professora adjunta ao Departamento de Teoria da Arte e Expressão Artística da Universidade Federal de Pernambuco e líder do Grupo de Pesquisa *Arte Cultura e Memória*.